



IMPrensa HOMOSSEXUAL, MERCADO E CONSUMO NO BRASIL.

Victor Hugo S. G. Mariusso¹

Resumo: Nosso intuito, por meio deste trabalho, visa a apresentar o surgimento da imprensa gay de circulação nacional no Brasil das últimas quatro décadas, mais especificamente desde fins da década de 1970, com o jornal “Lampião da Esquina” (1978-1981). Em seguida, buscaremos analisar as ofertas de consumo presentes no jornal e suas características, além de refletir sobre a presença de tais anúncios no referido jornal. Após a construção dessa conjuntura mais ampla, ambicionamos discutir fatores relacionados ao movimento LGBT (sendo o “Lampião da Esquina” um dos propulsores para a formação do primeiro grupo de afirmação homossexual, o grupo SOMOS, de São Paulo) e ao consumo presente na mídia impressa voltada para homossexuais no Brasil, refletindo sobre a forma de oferta e de consumo, bem como sobre as formas atuação ou não no(s) movimento(s) LGBT.

Palavras-chave: Imprensa Gay; Movimento LGBT, Consumo.

As “ondas” do movimento LGBT e seus enfrentamentos

O termo que usaremos, “Movimento LGBT”, pode ser analisado em três “ondas” antes de sua expansão para fora do eixo europeu. Podendo ser analisada sua primeira aparição em fins do século XIX na Europa, em que se passava por um momento de pensamentos “contra” a homossexualidade, principalmente o discurso médico legal, na intenção de “comprovar” que a homossexualidade, viria de fatores genéticos. Buscando assim uma causa para ela, e para sua cura. Com isso, um médico alemão com pseudônimo de K.M, se comporta de maneira contrária a maioria dos médicos do país, e assim ele faz um estudo na tentativa de mostrar que a homossexualidade, não vinha de fatores genéticos, não era uma doença e que não precisava ser tratada como a qual.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientado pelo Profº. Dr. Miguel Rodrigues de Sousa Neto. Email: vmariusso@yahoo.com

Sendo uma das primeiras manifestações, que deram início ao movimento de liberação de gays e lésbicas.

No começo da década de 1920, nos Estados Unidos podemos analisar uma segunda “onda” desse movimento, onde surge as organizações que ficariam conhecidas por ser umas das primeiras voltadas política e socialmente para a melhoria das condições de vida de gays e lésbicas, as “organizações homófilas, que se organizou no intuito de lutar contra uma rede de opressão médica, legal e cultural. “[...] discretamente trabalhavam para educar o público a respeito da homossexualidade e para oferecer apoio aos indivíduos homossexuais, perduraram durante as décadas de 50 e 60.”²

Tais organizações também, foram fundadas na Europa, notadamente na França.

No final dos anos 60, paralelamente à reconsideração, pelas feministas, das identidades e papéis sexuais, alguns homossexuais norte americanos saem de seu silêncio forçado para pôr termo a uma clandestinidade dolorosamente sentida como patológica. Pra começar, eles mudam de designação. Em vez de “homossexuais”, que tem uma conotação médica ligada à perversão, eles preferem a denominação de “gays” (que existe desde o século XIX), mais neutra, que designará uma cultura específica e positiva³.

A terceira onda do movimento LGBT se torna um dos marcos pela luta do movimento, que foi a resistência ao ataque ao *Stonewall Inn*, bar frequentado por homossexuais no bairro Greenwich Village, em Nova York.

Policiais tentaram, como ocorria intermitentemente, fechar o bar na noite de 28 de junho de 1969, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas. Com a desculpa de que o local era propriedade da máfia italiana instalada na cidade, o bar vinha sofrendo várias invasões da policia que, aleatoriamente, prendia e agredia seus frequentadores. Desta vez os homossexuais que ali estavam que não se intimidaram, e atacaram os policiais com garrafas e pedras, forçando-os a chamar

² NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, p. 104.

³ Idem, *ibidem*, p. 113.

reforços. Gritando frases como “Poder Gay” e “Sou bicha e me orgulho disso” os homossexuais e demais residentes do bairro acabaram chamando a atenção da imprensa e a cidade parou para ver o desfecho da situação. A batalha se transformou em um marco da luta homossexual, prolongando-se por cinco dias, sendo resolvida apenas com a intervenção do prefeito John V. Lindsay (Republicano), que ordenou o fim da violência policial. A partir de então, o dia 28 de junho é comemorado por mais de 140 países como “Dia (Internacional) do Orgulho Gay”⁴

A rebelião de *Stonewall*, “propiciou crescimento, visibilidade e uma mudança de atitude dentro do movimento homossexual”, segundo Mathaei e, destaca ainda que:

No seus primórdios o movimento esteve ligado a grupos de esquerda e a um feminismo radical, após o evento de 1969 ele se tornou progressivamente centrado em uma política liberal que buscava ganhar direitos e proteção legal contra a discriminação de gays e lésbicas.⁵

Assim, para o movimento homossexual, o direito à privacidade (e à homossexualidade) deveria ser ganho na esfera pública: nas leis, na mídia e na opinião pública.

O número de grupos homossexuais aumentou no mundo inteiro a partir daquele momento. Identificando-se abertamente como homossexuais, os novos ativistas mostravam uma autoconfiança raramente vista nos grupos mais antigos. Desta forma “[...] no espaço de uma década (1970-1980), assiste-se ao surgimento, nos Estados Unidos e em diversas partes do mundo, de uma nova minoria, dotada de uma identidade própria, cultura, expressão política e reivindicações quanto a sua legitimidade”⁶.

De Somos a Lampião: Começa-se uma certa visibilidade

Pode se dizer que de uma forma “oficial” o movimento homossexual no Brasil, se oficializou apenas quase 10 anos depois do ataque a *Stonewall*, com o Grupo Somos

⁴ Ver: NUNAN, Adriana. *Homossexualidade*. Op. Cit.; RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2010; SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social), Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

⁵ NUNAN, Adriana. *Homossexualidade...* Op. cit., p. 114.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 116.

São Paulo, primeiro grupo de afirmação homossexual, no Brasil. A imprensa gay surgiu alguns meses antes deste primeiro grupo, com o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), o primeiro de circulação nacional a abordar a questão da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e os preconceitos durante a ditadura militar.

Para analisarmos a sua importância para o período, e, principalmente, para o movimento homossexual que se oficializaria alguns meses depois da primeira edição do jornal – publicada em abril de 1978 – torna-se necessário o conhecimento de sua criação, suas características e ideias, sendo relacionado com os periódicos americanos surgidos alguns anos antes, diferentes, mas que serviram de alguma forma de inspiração.

O *Lampião da Esquina* surge com o nome de *Lampião*, e só passa a ter esse nome a partir do número um. Ele surge da ideia de alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro que reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura gay latino-americana, que seria organizada por Winston Leyland, fundador da revista Gay Sunshine Press, de São Francisco (Estados Unidos).

“Neste encontro surge a ideia de se formar um grupo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal *Lampião*”.⁷

O *Lampião da Esquina* tratava-se de mais um jornal alternativo surgido no período da ditadura militar, a sua diferença para os demais eram os assuntos tratados. Segundo Kucinski⁸ “Os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Os cerca de 150 periódicos surgidos entre 1964 e 1980, baseavam-se principalmente nesses pensamentos, com ajudas partidárias, sobretudo da esquerda, que desejava protagonizar as transformações que propunham, e também a busca de jornalistas, intelectuais e atores de espaços alternativos. Mas nenhum buscou uma relação direta

⁷ GOLIN, Célio & WEILER, Luis (orgs.). *Homossexualidade, cultura e política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

⁸ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EdUSP, 2003.

com os homossexuais, ou com as chamadas “minorias” (como o jornal *Lampião* costumava dizer) sem uma visão partidária, e com pouco custos como o *Lampião da Esquina*.

No número 0 (experimental) apresenta seu primeiro conselho editorial, formado por 11 pessoas, sendo elas: os jornalistas Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata e João Antonio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteadó; o crítico de cinema Jean Claude Bernardet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt; e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan. Aguinaldo Silva desempenhava a função de coordenador de edição.

O jornal aparece com sete seções: “Opinião” (o equivalente ao editorial); “Ensaio”; “Esquina” (seção com artigos e notas variadas); “Reportagem”; Literatura); “Tendência” (seção cultural que se divide em “Livro”, “Exposição” “Peça”, etc); e “Cartas na mesa”. A partir do número cinco é publicada uma nova seção, “Bixórdia”, de focos em geral, e, após 2 anos, acrescentou-se algumas páginas com nomes como: “motim”, “ativismo”, “verão”, “festa”, além da seção de troca de cartas entre leitores, denominada “Troca-Troca”. O *Lampião da Esquina*, não abordava apenas temas relacionados à homossexualidade, mas também a outros assuntos em que envolviam repressões, preconceitos, mistificações, e até desprezo por alguns. Assuntos como o movimento negro unificado, discriminação racial, artes, ecologia, machismo, miches, masturbação, deficientes, sistema carcerário, índios, entre outros, o que estava de acordo com a proposta do editorial. “A linguagem empregada era a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. O jornal também, assumia um gráfico pesado, com poucas figuras, pouco humor, pouco consumismo e muita escrita, muita ideia”⁹.

Já os primeiros periódicos americanos, se comportaram de uma forma um pouco diferente, como é o exemplo da revista *One*, “lançada em Janeiro de 1953 nos Estados Unidos, tornando-se o marco da imprensa gay no país, e a referência para um estudo sobre a imprensa no Ocidente. Que proporcionava aos leitores uma visão positiva do mundo gay”¹⁰. Ideias que se tornariam recorrentes quanto aos gays que estavam ali.

⁹ RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade*. Op. cit.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 28.

Outro fator importante para o sucesso da revista foi o audacioso projeto gráfico. Assumindo a ideia de que gays (na sua maioria) têm bom gosto e são refinados, os editores não medem esforços para imprimir uma revista moderna, vibrante e de fácil leitura.¹¹

Tal afirmação nos leva a refletir, o surgimento de uma imprensa voltada para o público LGBT, mas que talvez não quisesse apenas informa-lo, mas sim forma-los, algo que teria vários pontos a serem analisados, pois por um momento, alcançavam uma liberdade antes não existida, mais que serve de fator para se pensar, até que ponto que consumir tais produtos e se encaixar neles, é uma forma de fazer política, ou de está livre dos preconceitos existentes. Por exemplo também o jornal *Advocate*, (primeiro jornal gay dos Estados Unidos) e a publicação de vida mais longa da imprensa gay americana, lançada em 1967 na cidade de Los Angeles, e que, em 1974 tornou-se uma revista bisemanal, cujo:

O projeto gráfico foi muito importante. A revista passa a ter um *layout* mais dramático, com muitos claros, fotos que ocupam toda a pagina, fios gráficos que sustentam e valorizam o texto. Além disso, a nudez masculina passa a ser o maior interesse dos leitores, depois de muitas lutas contra as leis que proibiam a publicação e a remessa pelo correio de periódicos com fotos de nudez frontal. Agora as fotos passam a ocupar um lugar de destaque nos jornais e revistas da imprensa gay americana.¹²

Talvez o fato do *Lampião da Esquina* ter surgido em um outro momento, e em uma situação diferente - qual seja, a opressiva, mas decadente, ditadura militar estabelecida desde 1964 no Brasil - ele assume uma postura diferente, que pode ser analisada em suas características físicas. Sobre o período, observa MacRae:

No final da década de 1970 o Brasil começava a respirar ares mais otimistas. Para muitos, estávamos no limiar de novos

¹¹ Idem.

¹² Idem, ibidem, p. 35.

tempos, mais justos e mais humanos. Grandes transformações se anunciavam com a indicação do encerramento de vigência de uma ditadura férrea e a sanguinária, e a sociedade civil ressurgia politicamente com as importantes manifestações de protesto de trabalhadores, empresários, intelectuais e estudantes¹³.

O jornal buscava uma a importância da escrita, da ideia, de reunir os homossexuais e mostrar a eles que não estavam sozinhos e que não eram anormais., mas, essa ideia de muita escrita e pouca imagem, foi um dos fatores predominantes de discussões, tanto dos leitores, quanto dos próprios editores do jornal, levando a algumas divergências. Com uma postura considerada por alguns de séria, criticada algumas vezes pelos leitores, o jornal buscava nessa seriedade mostrar que os homossexuais precisavam adquirir seu “auto conhecimento” e reconhecer-se como pessoas, independente de sua orientação sexual. .

Na edição número zero, é nos apresentada a ideia dos editores do jornal “Nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”¹⁴. Nesta primeira edição, já se nota as críticas dos editores às praticas hegemônicas da época, sobretudo com a censura, tendo publicado na mesma edição, uma reportagem sobre Celso Curi, jornalista que criou a primeira coluna gay em um grande jornal, no caso o *Última Hora*, e por isso foi processado judicialmente.

Do número zero até o fim dos seus dias, em junho de 1981 com a edição 37, o *Lampião* tentaria “iluminar” boa parcela da comunidade gay. Durante seus três anos e meio de vida, o jornal não perdoou aqueles que, de alguma forma, eram homofóbicos e, assim notas de desagravo eram constantes, como por exemplo, a edição nº1, que publicou uma reportagem, de um deputado que sofria repressão por ser vestir de forma diferente na câmara dos deputados.¹⁵ Ou, a reportagem dos alunos de Natal que, tiveram as suas matriculas negadas por serem homossexuais.¹⁶ “O jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e

¹³ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

¹⁴ LAMPIÃO. Edição nº 0, abril de 1978, p. 2.

¹⁵ LAMPIÃO. Edição nº1, 1978, p. 2.

¹⁶ ILAMPIÃO. Edição nº2, 1978, p. 3.

não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existências e culturais”¹⁷.

A diversidade de identidades que o jornal alcançou pode ser percebida pela diversidade de assuntos que o jornal abarcou. ”Tratava de bichas, gueis, entendidos, viados, homossexuais, travestis, negros, mulheres, feministas, ecologistas, etc”¹⁸. A proposta de criar uma consciência homossexual, assumir-se e ser aceito, foi desenvolvida no *Lampião da Esquina* por meio de denúncias, opiniões e reportagens. “Nesta perspectiva, o jornal procura muito mais uma identificação com aquele que lê, do que afirmar uma identidade monolítica”¹⁹. O *Lampião da Esquina* inicia um movimento que, em pouco tempo e juntamente com outras mudanças sociais, vai beneficiar uma comunidade até então sem espaços para se expressar. Segundo Rodrigues:

A aparição do Lampião trouxe pela primeira vez a possibilidade de um espaço estruturado de discussão nacional sobre a homossexualidade. Toda a imprensa dirigida ao público gay anterior ao Lampião era produzida por e para grupos de amigos, e, de certa forma, ingênua e frágil. O Lampião é aceso para iluminar um espaço obscuro, para clarear questões sobre a sexualidade e principalmente sobre a homossexualidade. O Lampião da Esquina deu chance a uma parcela da sociedade expressar seus pensamentos e seu modo de ser, criou um espaço para a discussão que não existia na grande imprensa.²⁰

E o consumo onde fica?!

As relações de consumo no *Lampião da Esquina* são discretas mais não imperceptíveis, tendo relevância por ser fator que ajudaria o jornal a se manter, depois de ataques e desconfianças ao jornal. Os anúncios de produtos ou serviços, podem ser vistos em formas menores, como é o caso dos serviços “Espaço de Dança e Ginástica”, “Psicoterapia Existencial”, “musical de travestis”, “Depilação definitiva” entre outros;

¹⁷ FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁸ RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade*. Op. cit., p. 59.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

mas em relações a outros tipos de ofertas, como livros, ou as fotos de nu masculino que começaram a surgir no seu último ano, já preenchiam lugares maiores nas folhas do jornal, onde aí, podemos fazer duas análises em relação ao consumo ofertado pelo jornal; a oferta existe e é relevante pelo fato de ajudar a manter o jornal - ao mesmo tempo que mostravam o que existia de oferta para esse público na época - mas, colocando alguns anúncios maiores do que os outros, alguns as vezes do próprio jornal, faz com que pensemos que por um lado a ideia dos editores, eram de não encaixar os homossexuais a tipos serviços e manter o jornal e por outro acabava se contradizendo, no sentido de que, não vamos encaixar as pessoas, ou dizerem que elas devam comprar ou não, mas vamos indica-las, que não deixa de ser uma posição que deu a oportunidade de pessoas terem acesso a outras formas de consumo.

E assim, com ofertas pequenas, ou grandes, sauna gay ou Satre, o *Lampião da Esquina*, mesmo às vezes assumindo críticas a formas de consumos existente em algumas representações da “mídia gay” da época, ele mesmo não pôde fugir dessas ofertas, mesmo no meio de contradições em que algumas ofertas pensavam os editores serviam de grande valia para os homossexuais, e outras que estavam ali para ajudar o *Lampião* a se manter. No seu último ano de existência do *Lampião*, ele começa a vender fotos de nu masculino, e calendários, assumindo assim uma forma de crítica a imprensa da época que ofertava fotos de mulheres, com características estereotipadas.

O *Lampião da Esquina* chegou ao fim em junho de 1981, na edição 37, “[...] quase todos os jornais alternativos que circularam entre 1977 e 1979 deixaram de existir a partir de 1980-1981 [...] voltados aos movimentos populares e à reportagem.²¹ O mesmo autor destaca que os jornais “sumiram, independentemente da natureza de sua articulação, da qualidade do projeto, do acerto ou do insucesso de suas propostas editoriais e soluções operacionais²²”.

O periódico foi uma ferramenta fundamental para que no fins de 1978, fosse fundado o primeiro grupo reconhecido na bibliografia como tendo uma proposta de politização da questão da homossexualidade, o Grupo Somos, São Paulo. “Esse grupo adquiriu grande importância e visibilidade do ponto de vista histórico, não só por ter

²¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários*. Op. cit.

²² Idem.

sido o primeiro grupo brasileiro, mas por ter tido uma atuação importante ou por ter se constituído enquanto uma experiência marcante”.²³

O grupo Somos tinha como idealizador, João Silvério Trevisan, membro do conselho editorial do *Lampião*. Ao criar o grupo, além da ideia da expressão sexual em suas várias faces, tentavam dar sentido a militância do movimento LGBT, e não cometer os “erros” que o jornal costumava criticar.

O grupo, naquele momento, era composto exclusivamente por homens. Sua primeira aparição pública ocorreu com uma carta endereçada ao Sindicato dos Jornalistas, na qual adotava um nome provisório: Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais. Posteriormente, em dezembro de 1978, esse grupo foi rebatizado de Somos – Grupo de Afirmação Homossexual -, mediante convite para a participação de grupos discriminados, a ser realizada no início do ano seguinte na USP.²⁴

Este debate se torna de alguma forma importante, pois novos integrantes, inclusive mulheres, entram no Somos e dois novos grupos se formam: o Eros e o Libertos. Mesmo sendo um dos instrumentos principais para a formação desse movimento e desses grupos, o *Lampião da Esquina*, não poupou as críticas e as desconfianças com o movimento de afirmação homossexual surgido naquele período. como destaca MacRae:

Trevisan e outros membros do conselho editorial mais ativamente envolvidos a feitura do jornal(Aguinaldo Silva, Francisco Bitterncourt e Darcy Penteado) começaram a atacar a militância homossexual. Diziam que certos militantes estariam interessados em usar esse movimento para fazer a cabeça de seus participantes e leva-los a se engajarem em agremiações político partidárias. A partir disso o *Lampião* travou brigas com o Grupo de Atuação

²³ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

²⁴ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Op. cit.*

Homossexual de Olinda (GATHO, um grupo que teve uma atuação bastante grande no nordeste) e o Somos-Auê, do Rio de Janeiro.²⁵

O Grupo Somos durou por quase dois anos, e assim como outros movimentos sociais, chegou ao fim. E o *Lampião da Esquina* também foi um dos responsáveis, de certa forma, para o fim desse grupo, devido a “Dupla Militância”, de Trevisan.

MacRae⁸:

Embora durante a maior parte de sua existência o *Lampião* tenha defendido e promovido a militância, a partir de um determinado momento a posição do jornal tornou-se francamente agressiva em relação aos grupos, e as manchetes, e artigos publicados serviram para divulgar pelo país inteiro uma grande desconfiança a respeito de qualquer política homossexual. Seu papel no processo de desintegração do movimento homossexual não deixou de ser considerável.²⁶

Com isso e por outros motivos de discussões internas, como por exemplo a participação ou não da esquerda partidária, individuo ou grupo, autonomia, etc. Sousa Netto afirma que:

A esquerda brasileira do período tinha ideias bastante claras – assim como os homossexuais do Somos – sobre o nefasto que era a Ditadura; porém, havia discordância quanto às formas de lutar contra ela. Por outro lado, a possibilidade de atrelamento do grupo a algum dos agrupamentos de esquerda, como era o caso da Convergência Socialista que começava a instalar-se no interior do Somos, causava grande incomodo em significativa parcela de

²⁵ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*. Op. cit. p. 88.

²⁶ Idem.

seus integrantes. As disputas giravam em torno da díade autonomia/atrelamento.²⁷

Do fim do Somos até os dias de hoje, vários grupos de afirmação homossexual surgiram e sumiram no Brasil.

A mídia impressa e o consumo pós *Lampião da Esquina*

Os homossexuais que faziam e fazem parte ou não do movimento homossexual quiseram (a sua grande maioria, principalmente os que não podiam se expressar da maneira desejada) ser vistos como seres humanos, e que não fossem diferenciados dos demais por não estarem na forma “padrão” da sociedade heteronormativa, e, buscavam ainda liberação sexual, talvez a sua maior busca, em poder sentir desejo, prazer sem nenhuma culpa.

Quando falamos de liberação sexual, estamos falando de liberar um espaço interior que luta entre a necessidade de eclodir e de ser reprimido. Meter o dedo nessa ferida sempre aberta da sexualidade significa, em outras palavras, tocar no ponto mais vulnerável da liberdade humana: a autonomia do desejo.²⁸

A partir dessa forma de se pensar o movimento LGBT, a sexualidade e o desejo ou a autonomia de um desejo, faz com que pensamos se além das ofertas de consumo ofertadas pelo *Lampião*, e futuramente pelas outras publicações, o que muda na vida dos homossexuais brasileiros? Não é dizer que nada mudou, pois tiveram a oportunidades de conhecer e experimentar lugares e serviços onde a sua orientação sexual não é vista pejorativamente, mas se pararmos para pensar, o preconceito ainda é existente na sociedade, muitos donos de lojas e revistas, enxergaram o homossexual como um nicho de mercado e fizeram de tudo para “ajudá-los”, mas será que essa burguesia que oferta esse produtos e serviços aceitariam um homossexual como membro da sua família, ou amigo de seus filhos, talvez não, e aí que importa

²⁷ SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo*. Op. cit. p. 148.

²⁸ Idem.

observamos até que ponto o homossexual está tendo liberdade com o seu desejo, consumindo determinados produtos que poderiam ser ofertados a todos independentemente de sua orientação afetiva sexual, que é o que acontece, mas que alguns gostam de categorizar como consumo gay. Novamente deve ser levado em consideração que não estamos aqui dizendo que consumir é algo inadequado, que ir e uma banca de revista comprar uma revista pornô não seja fazer política, e nem que viajar para um cruzeiro por exemplo onde só existam homossexuais não seja algo que não vá trazer felicidade a reflexão é, até que ponto a cidadania e o consumo andam juntos. “O fato de a homossexualidade ter se transformado em um segmento de mercado não quer dizer que o preconceito contra ela esteja menor, pelo contrário, agora ele é velado, portanto mais perigoso”.²⁹ Aceitar os homossexuais como consumidores não é a mesma coisa que aceitá-los como cidadãos. Desta forma, a luta pelos direitos dos homossexuais foi reduzida também a uma busca pela igualdade de acesso a serviços e bens de consumo. Podemos pensar que quase todo o “mercado gay prometeu cidadania aos homossexuais através do consumo, que esse era o caminho para atingirem as mudanças desejadas, tanto sociais quanto políticas. Assim, consumindo estariam participando politicamente e melhorando a vida deles”.³⁰ Os homossexuais entram em uma forma de identidade comercializada, que os valoriza apenas por seus padrões de consumo.

A imprensa gay, assim como o movimento, surge com a ideia de mostrar que os homossexuais não são anormais, muito menos doentes, mostrando que não estão sozinhos, e que igual a eles tem outros, e que isso não é ser diferente. Essa imprensa que também lutou e se expressou abertamente pelo movimento LGBT, muitas vezes em momentos precários como o caso do *Lampião da Esquina*, também se transformou (tanto no Brasil, quanto em outros lugares) e talvez tenha se desvinculado do pensamento do movimento, dando a eles uma visibilidade e liberdade, que talvez não exista para todos.

Não se pode esquecer tudo o que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e outras minorias viveram e vivem, e estão passando neste país. As mudanças ocorreram e estão ocorrendo sim, mas, até que ponto elas estão sendo positivas?!

²⁹ NUNAN, Adriana. *Homossexualidade*. Op. cit.

³⁰ Idem.

REFERÊNCIAS

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990** / Regina Facchini. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GOLIM, Célio e WEILER, Luís (org.). **Homossexualidade, cultura e política** / – Porto Alegre. Sulina, 2002.208p.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa** / 2. ed. rev. compl.- São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. – Campinas: Editora da INICAMP, 1990.

NUNAN, Adriana, 1975 – Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. – Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RODRIGUES, Jorge Caê, **Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil** / Jorge Caê Rodrigues – Niterói: EdUFF, 2010.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil contemporâneo [manuscrito] : representações, ambigüidades e paradoxos**. Tese (Doutorado em História Social), INHII, UFU, 2011, p.- e ss.